

A MORTE DE DEUS E A TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES

SCARLETT MARTON

Abstract: The statement “God is dead” is used by Nietzsche to define the destiny of twenty centuries of Western History. If the ruin of Christianity, that tried to invent life after death in order to deny this life we are living here and now, carries as a consequence the feeling that “everything is vain”, it is an attempt to demonstrate that the Christian religion is just another way of interpreting existence. The death of God makes it possible to think over again the relationship between man and world, as well as stating the values which should rule our behavior in different basis.

Que se tome como ponto de partida *Assim falava Zaratustra*. Dos textos de Nietzsche, este é sem dúvida o mais controvertido.

O livro já se abre com o anúncio da transformação por que Zaratustra acaba de passar. Durante uma década, ele permaneceu na solidão de sua caverna e de sua montanha; “por fim, seu coração transformou-se”¹. Dirigindo-se ao vale, onde irá ter com os homens, encontra seu primeiro interlocutor. Surpreso, o santo homem do bosque exclama:

Não me é estranho este andarilho²; há muitos anos passou por aqui.
Chamava-se Zaratustra; mas transformou-se. (ZA Vor 2, 2).

Scarlett Marton é professora de Filosofia na Universidade de São Paulo.

1. *Assim falava Zaratustra*, Prólogo, 1ª Seção, 1º parágrafo (ZA Vor 1, 1). Esta é a forma de citação que passaremos a adotar: ZA refere-se ao livro, o algarismo romano indica a parte do livro, os arábicos que a ele se seguem remetem, na ordem, à seção, à sub-seção se houver, ao parágrafo; e a sigla Vor, de *Vorrede*, designa o prefácio. Utilizamos a edição das obras de Nietzsche (*Werke. Kritische Studienausgabe*), organizada por Colli e Montinari, Berlim, Walter de Gruyter & Co., 1967/1978. Sempre que possível, recorremos à tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho para o volume *Nietzsche – Obras Incompletas* da coleção “Os Pensadores”, São Paulo, Abril Cultural, 2ª edição, 1978.

2. O próprio Zaratustra define-se como andarilho em ZA III 1, 2.

Ao avistá-lo, percebe de imediato que mudanças ocorreram. E prossegue:

Outrora levavas tua cinza para o monte³; queres hoje levar teu fogo para o vale⁴? Não temes os castigos contra os incendiários? Sim, reconheço Zaratustra. Puro é seu olhar e não há nojo em sua boca. Não caminha por isso como um dançarino⁵? Transformado está Zaratustra, uma criança tornou-se Zaratustra, um desperto⁶ é Zaratustra; o que queres agora entre os que dormem? (*Za Vor* 2, 3-5)

Ao vê-lo, logo compreende a relevância das mudanças que ocorreram. Desde as primeiras páginas do prólogo, Zaratustra aparece como o anunciador de uma completa reviravolta em nossa cultura. E, aos poucos, a transformação por que acaba de passar ganha clareza. Sua causa então se explicita: ela reside no conhecimento da morte de Deus⁷. Se foi no mundo supra-sensível que até então os valores encontraram legitimidade, trata-se agora de suprimir o solo mesmo a partir do qual eles foram colocados, para então engendrar novos valores. “Humanos, demasiado humanos”, os valores instituídos surgiram em algum momento e em algum lugar⁸. E, em qualquer momento e em qualquer lugar, novos valores poderão vir a ser criados. É a morte de Deus, pois, que permitirá a Nietzsche acalentar o projeto de transvalorar todos os valores.

Traço essencial de nossa cultura, o dualismo de mundos foi invenção do pensar metafísico e fabulação da religião cristã. Com Sócrates, teve início a ruptura da unidade entre *physis* e *logos* – e a filosofia converteu-se, antes de mais nada, em antropologia. Com o judaísmo, houve o despovoa-

3. A idéia reaparece em *ZA* I 3, 9; *ZA* I 17, 30 e *ZA* II 19, 26.

4. Como Prometeu, levaria Zaratustra o fogo aos homens.

5. Em *ZA* IV 13, 18, 2, Zaratustra também se autodenomina dançarino.

6. Cf. Oldenberg. *Buddha, sein Leben, seine Lehre, seine Gemeinde*, Berlim, 1881, p. 113. O adjetivo, aliás, aparece freqüentemente associado a Buda. Nietzsche não só possuía em sua biblioteca o trabalho de Hermann Oldenberg, como, ao que observa Andler, mais de uma vez manifestou sua admiração por ele (cf. *Nietzsche, sa vie et sa pensée*, Paris, Gallimard, 1958, tomo II, p. 415).

7. Cf. *A Gaia Ciência* § 125, onde o tema aparece pela primeira vez na obra do filósofo. Não é por acaso que ele vai retomá-lo no primeiro aforismo do quinto livro de *A Gaia Ciência* (§ 343), escrito depois da elaboração de *Assim falava Zaratustra*.

8. Para além de *Bem e Mal* e a *Genealogia da Moral* retomam as idéias presentes em *Assim falava Zaratustra*. No que diz respeito a serem os valores “humanos, demasiado humanos”, cf. a *Genealogia da Moral*, Prefácio, § 6.

mento de um mundo que estava cheio de deuses – e a religião tornou-se, acima de tudo, um “monotono-teísmo”⁹. Desvalorizando este mundo em nome de um outro, essencial, imutável e eterno, a cultura socrático-judaico-cristã é niilista desde a base. É a morte de Deus, pois, que tornará possível a Zaratustra fazer a travessia do niilismo.

Aos homens Zaratustra espera levar um duplo presente. Aos homens ele conta dar um novo amor e um novo desprezo: o além-do-homem e o último homem¹⁰. Diametralmente opostas são as perspectivas para as quais eles apontam. Abraçar a primeira delas implica aceitar a morte de Deus e a conseqüente morte do homem como criatura em relação a um Criador¹¹; esposar a última importa advogar a existência de um mundo transcendente e, por conseguinte, reiterar a interpretação cristã do mundo. Enquanto a perspectiva aberta pelo além-do-homem viabiliza criar novos valores, a estabelecida pelo último homem exige a defesa dos valores instituídos.

Até agora foi o homem, concebido como criatura em relação a um Criador, quem avaliou; e os valores que criou desvalorizaram a Terra, depreciaram a vida, desprezaram o corpo. É preciso, pois, combatê-los, para que surjam outros¹². É preciso denunciar que se forjou a alma “para arruinar o corpo”, que se inventou o “*mundo verdadeiro*” como “nosso *ATENADO* mais perigoso contra a vida”, que se fabulou a noção de Deus como “a máxima *objeção* contra a existência”¹³. Só então será possível engendrar uma nova concepção de humanidade; só então será possível criar novos valores. Tornando-se criatura e criador de si mesmo, o além-do-homem prezará os valores em consonância com a Terra, com a vida e com o corpo¹⁴.

9. A expressão é de Nietzsche em *O Anticristo* § 19.

10. Cf. o fragmento póstumo 4 [167] de novembro de 1882/ fevereiro de 1883, que apresenta um esboço para esta seção.

11. No entender de Löwith, “A morte de Deus exige do homem que se quer a si mesmo, além do processo da libertação de Deus, uma superação do homem: o ‘além-do-homem’” (*Nietzsches Philosophie der ewigen Wiederkehr des Gleichen*, 3ª edição, Hamburg, Felix Meiner Verlag, 1978, p. 42). Cf. numa direção análoga Foucault, *Les mots et les choses*, Paris, Gallimard, 1966, p. 317.

12. Temas recorrentes em *Assim falava Zaratustra*, eles encontram-se expressos de forma exemplar na seção “Dos mil e Um alvos” (ZA I 15).

13. Cf. respectivamente *Ecce Homo*, Por que sou um destino, § 7, o fragmento póstumo 14 [103] da primavera de 1888 e *Crepúsculo dos Ídolos*, Os quatro grandes erros, § 8.

14. “Amo Aqueles que não procuram atrás das estrelas uma razão para sucumbir e serem sacrificados”, afirma Zaratustra; “mas que se sacrificam à Terra, para que a Terra um dia se torne do além-do-homem” (ZA Vor 4, 7).

Depois de anunciar a morte de Deus e levar aos homens o seu duplo presente, Zaratustra julga ter feito a travessia do niilismo. Contudo, é só então que encontra seu grande adversário, o adivinho. “Áridos tornamos todos”¹⁵, prega esta figura sinistra.

E se caísse fogo sobre nós, então nos reduziríamos a pó, como a cinza: – sim, cansamos até mesmo o fogo. Todas as fontes se nos secaram; até o mar recuou. Todo solo quer fender-se, mas a profundidade não nos quer tragar! ‘Ah! Onde há ainda um mar, em que se possa afogar-se!’: assim soa o nosso lamento – através dos rasos pântanos¹⁶. Em verdade, já estamos por demais cansados para morrer; agora continuamos em vigília e a viver – em câmaras mortuárias!’ (ZA II 19, 6-9)

Ao contrário de Zaratustra que é levado a falar por abundância, excesso, transbordamento, o adivinho propala a esterilidade. Ao contrário de quem desce a montanha para trazer o fogo aos homens, ele preconiza o grande cansaço. Enquanto um quer ir à profundidade para dela sair fortalecido¹⁷, o outro espera por ela ser tragado.

Pregador de uma nova doutrina, o adivinho vem substituir o sentido, que a interpretação cristã do mundo havia dado à existência humana, pela total ausência de sentido. Difusor de uma nova crença, ele vem substituir o ideal ascético pelo “niilismo suicida”¹⁸. Com a falência do cristianismo, é como doutrina e crença que o niilismo se propaga. Paralisante, seu veneno atinge todos os domínios, até o do conhecimento. Niilistas são os contemplativos¹⁹, que separam teoria e prática, que renunciam

15. O tema já aparece na seção intitulada “Do país da cultura”, em que Zaratustra fala de seus contemporâneos: “Estéreis sois vós: *por isso* vos falta fé. Mas quem teve de criar teve sempre, também, seus sonhos proféticos e signos estelares – e acreditava na fé! Portas entreabertas sois vós, junto das quais aguardam coveiros. E esta é a vossa realidade: ‘Tudo é digno de perecer’” (ZA II 14, 22-23).

16. Cf. o fragmento póstumo 3 [1] 234 do verão / outono de 1882: “Onde há um mar, em que se possa ainda *afogar-se?* mesmo um homem!” – esse grito atravessa o nosso tempo”. Aqui, Nietzsche registra o impacto do niilismo em sua época.

17. Cf. ZA Vor 4, 5: “Amo Aqueles que não sabem viver a não ser como os que sucumbem, pois são os que atravessam”. Cf. ainda ZA I 8, 6: “Quanto mais (a árvore) quer crescer para o alto e para a claridade, tanto mais fortemente suas raízes tendem para a terra, para baixo, para a treva, para a profundidade”.

18. Cf. *Genealogia da Moral* III § 28.

19. Na seção intitulada “Do imaculado conhecimento”, dirigindo-se a eles, Zaratustra recorre à imagem da lua. “Isto seria para mim o mais alto” – assim diz a si mesmo vosso

a criar valores, que abdicam de legislar. Em decorrência da morte de Deus, e da conseqüente supressão do solo a partir do qual os valores instituídos foram engendrados, o adivinho, esta figura do niilismo, instaura o vazio.

Ora, Zaratustra bem sabe que não basta atacar o Cristianismo, que já é niilista em sua base; é preciso ainda combater o niilismo, que resulta da derrocada da interpretação cristã do mundo. Tanto é que ao homem ele procura dar um novo sentido. “Amo todos Aqueles que são como gotas pesadas caindo uma a uma da nuvem escura que pende sobre os homens”, revela. “Eles anunciam que o relâmpago vem, e vão ao fundo como anunciadores. Vede, eu sou um anunciador do relâmpago, e uma gota pesada da nuvem: mas esse relâmpago se chama o *além-do-homem*”²⁰.

Em seu percurso, antes de deixar sua terra natal e rumar para a montanha, talvez ele mesmo crera em Deus. Imerso na cultura socrático-judaico-cristã, que é a nossa, talvez fora niilista²¹. Contudo, o niilismo de que o adivinho se faz porta-voz é outro; é a renúncia à vida que ele prega, é a morte em vida que apregoa. Atravessá-lo implica aceitar a vida tal como ela é, importa aceitar inclusive tudo o que nela há de mais execrado e infame. Eis o grande desafio que Zaratustra terá de enfrentar. Será preciso coragem para fazer a travessia do niilismo; será preciso coragem para realizar o projeto de transvalorar todos os valores.

espírito mentiroso, – ‘contemplar a vida sem desejo e não, igual ao cão, com a língua pendente. Ser feliz no contemplar, com a vontade amortecida, sem a garra e a cobiça doegoísmo – frio e cinzento a vida inteira, mas com bêbados olhos de lua! Isto seria para mim o mais querido’ – assim seduz a si próprio o seduzido –, ‘amar a Terra, como a lua a ama, e tão-somente com o olho degustar sua beleza. E isto se chama para mim *IMACULADO* conhecimento de todas as coisas, não querer nada das coisas: a não ser poder ficar diante delas com um espelho de cem olhos’ (ZA II 15, 12-15). Aliás, nos esboços do verão de 1883, o título original da seção era justamente “Dos contemplativos”.

20. ZA Vor 4, 22-23. Ainda no prólogo, depois de presenciar o acidente que levou o saltimbanco ao chão e à morte, diz Zaratustra ao seu coração: “Desconcertante é a existência humana e ainda sem sentido: um bufão pode tornar-se-lhe fatal. Quero ensinar aos homens o sentido de seu ser: que é o além-do-homem, o raio que surge da negra nuvem homem” (ZA Vor 7, 3-4).

21. Cf. ZA Vor 2, 3, em que o santo homem do bosque diz a Zaratustra: “Outrora levavas tua cinza para o monte; queres hoje levar teu fogo para o vale?” E, na seção intitulada “O Adivinho” que ora examinamos, ao relatar o seu sonho, o protagonista conta que ouviu três pancadas na porta, caminhou até lá e gritou: “quem traz a sua cinza para o monte?” (ZA II 19, 26)

Transvalorar é, antes de mais nada, suprimir o solo a partir do qual os valores até então foram engendrados. Aqui, Nietzsche espera realizar obra análoga à dos iconoclastas: derrubar ídolos, demolir alicerces, dinamitar fundamentos. É deste ponto de vista que critica a metafísica, a religião e a moral.

Em *Assim falava Zaratustra*, aqueles a quem a personagem se opõe já aparecem nas primeiras linhas – o cristianismo e o platonismo. Depois de abraçar a terra, o sol tem de pôr-se no horizonte; depois de saturar-se de sabedoria, Zaratustra tem de voltar ao convívio com os homens. Aos quarenta anos, ele tem de descer da montanha para o vale, dos cumes para as profundezas, do mundo para o submundo; por excesso, ele tem de declinar²². À diferença dos *Evangelhos*²³, porém, é aos quarenta e não aos trinta anos que começa seu ministério e, ao contrário da *República*²⁴, é na caverna e não fora dela que se faz sábio. O deslocamento espaço-temporal não é gratuito; indica distância e recuo em relação a referenciais milenares de nossa cultura. Não é por constatar a miséria do ser humano, querer resgatá-lo e salvá-lo que Zaratustra vai ter com os homens – mas por estar farto da própria sabedoria. Não é por perfazer a ascese dialética, abandonando a diversidade sensível e contemplando a verdade inteligível, que ele desce da montanha para o vale – mas por compreender que tal dicotomia não existe. O que o move não é a penúria alheia mas a própria abundância; o que o impulsiona não são as carências do homem mas o transbordamento do mundo. Presente já na primeira página, ainda que de forma alusiva, a crítica ao dualismo metafísico e à religião cristã, aliada aos ataques à moral do ressentimento que deles decorre, será uma constante no livro.

Transvalorar é, também, inverter os valores. Aqui, Nietzsche conta realizar obra análoga à dos alquimistas: transformar em “ouro”²⁵ o que até então foi odiado, temido e desprezado pela humanidade. É deste ângulo de visão que denuncia o idealismo e reivindica a efetividade²⁶.

Em *Assim falava Zaratustra*, logo depois de anunciar a morte de Deus, a personagem dirige-se à multidão reunida na praça do mercado. É então

22. Aplicado ao sol e também a Zaratustra, o termo *untergeben* inscreve-se em diferentes registros: alude ao ocaso do astro e à descida da personagem ao vale; comporta ainda a idéia de declinar, ir abaixo, sucumbir.

23. Cf. *Lucas*, 3, 23.

24. Cf. *República*, livro VII.

25. Cf. carta a Georg Brandes de 23/05/1888.

26. Seguimos aqui a tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho, que esclarece: “*Wirklichkeit* – termo usual alemão para designar o ‘real’, a ‘realidade’; do verbo *wirken* (fazer efeito),

que exorta seus ouvintes a permanecerem fiéis à Terra. Se outrora o maior delito era o cometido contra Deus, agora mais sacrílego ainda é delinquir contra a Terra. Se outrora a alma mostrava descaso pelo corpo, agora é o corpo que torna evidente a miséria da alma. Se outrora o homem, como criatura em relação a um Criador, dava sentido ao que o cercava, agora ele não passa de ponte para o além-do-homem²⁷. É chegada “a hora do grande desprezo”²⁸; é chegado o momento de desdenhar tudo o que até então se venerou e, pelo mesmo movimento, afirmar tudo o que até então se negou. Só assim será possível revelar o que por trás dos valores instituídos se esconde e trazer à luz o que eles mesmos escondem. Não é por acaso que o termo transvaloração (*Umwertung*) também abriga a idéia de inversão (*Umkehrung*). Eliminando as esperanças ultraterrenas, Zaratustra, “o sem-Deus”, conta naturalizar os valores morais. Suprimindo o além, Nietzsche, “o anticristo”, quer reinscrever o homem na natureza, estabelecer nova aliança entre *physis* e *logos*²⁹.

Transvalorar é, ainda, criar novos valores. Aqui, Nietzsche pretende realizar obra análoga à dos legisladores: estabelecer novas tábuas de valores. É desta perspectiva que concebe a filosofia.

Em *Assim falava Zaratustra*, ao eleger os seus interlocutores, a personagem determina-se a falar para companheiros de viagem. Junto com

que em linguagem filosófica designa, especificamente, a atuação da causa (eficiente) na produção do efeito (*Wirkung*). Nietzsche faz questão dessa derivação, já desde o texto de 1873 em que cita, a propósito de Heráclito, esta passagem de Schopenhauer: ‘Causa e efeito são, portanto, toda a essência da matéria. Seu ser é seu efetuar-se. É com o maior acerto, portanto, que em alemão o conjunto de tudo o que é material é denominado *efetividade*, palavra que o designa muito melhor do que realidade’ (Cf. *A filosofia na época trágica dos gregos* § 5)” (*Nietzsche – Obras incompletas*, coleção “Os Pensadores”, 2ª edição, São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. 197, nota 2).

27. Em sua autobiografia, Nietzsche esclarece: “A palavra ‘além-do-homem’, como designação do tipo mais altamente bem logrado, em oposição ao homem ‘moderno’, ao homem ‘bom’, aos cristãos e outros niilistas – uma palavra que, na boca de um Zaratustra, do aniquilador da moral, se torna uma palavra que dá muito o que pensar –, foi, quase por toda parte, com total inocência, entendida no sentido daqueles valores cujo oposto foi apresentado na figura de Zaratustra: quer dizer, como tipo ‘idealista’ de uma espécie superior de homem, meio ‘santo’, meio ‘gênio’...” (*Ecce Homo*, Por que escrevo livros tão bons, § 1).

28. É em *ZA Vor 3* que Nietzsche introduz esta perspectiva avaliadora.

29. Cf. nessa direção Karl Löwith, “Nietzsche et sa tentative de récupération du monde”, in *Nietzsche – Cahiers de Royaumont*, Paris, Minuit, 1967, p. 45.

eles espera “escrever novos valores em novas tábuas”³⁰. Pouco importa que a eles se chame de “aniquiladores e desprezadores do bem e do mal”; pouco importa que sejam considerados delinqüentes. Afinal, todo criador é um infrator. Em *Para além de bem e mal*, ao escolher os seus pares, o autor identifica “os filósofos propriamente ditos” a “comandantes e legisladores”³¹. Enfatiza que talvez eles não tenham existido até o presente momento; salienta que é necessário que existam. Eles podem, por certo, contar com os esforços despendidos por “todos os trabalhadores filosóficos” em detectar, analisar, fundamentar e mesmo questionar os valores instituídos. Mais ainda, podem e talvez até devam passar por um processo preparatório, assumindo na apreciação desses valores os mais diversos pontos de vista, inclusive o dos “trabalhadores filosóficos”. Mas o seu trabalho começa onde o destes se detém; tanto é que eles inovam, enquanto os outros compactuam.

A travessia do niilismo, a noção de além-do-homem e o projeto de transvaloração dos valores estão presentes em *Assim falava Zaratustra*; acham-se intimamente ligados desde as primeiras páginas do livro. É de forma exemplar que aparecem na seção intitulada “Dos mil e Um alvos”. “Em verdade, os homens se deram todo o seu bem e mal”, ensina Zaratustra. “Em verdade, eles não o tomaram, eles não o encontraram, não lhes caiu como uma voz do céu. Valores foi somente o homem que pôs nas coisas³², para se conservar – foi ele somente que criou sentido para as coisas, um

30. Cf. ZA Vor 9, 9-11: “Companheiros de viagem busca o criador e não cadáveres, nem tampouco rebanhos e crenças. Participantes na criação busca o criador, que escrevam novos valores em novas tábuas. Companheiros de viagem busca o criador e participantes na colheita: porque nele tudo está maduro para a colheita. Mas faltam-lhe as cem foices: por isso arranca as espigas e está irritado. Companheiros de viagem busca o criador, e tais que saibam afiar suas foices. Aniquiladores serão chamados e desprezadores do bem e do mal. Mas são eles os colhedores e festejadores”.

31. Cf. *Para-além de Bem e Mal* § 211: “Os filósofos propriamente ditos, porém, são comandantes e legisladores: eles dizem ‘Assim deve ser!’; são eles que determinam o Para-onde? e o Para-quê? do homem e para isso têm a seu dispor o trabalho prévio de todos os trabalhadores filosóficos, de todos os dominadores do passado – estendem sua mão criadora em direção ao futuro, e tudo o que é e foi se torna para eles meio, instrumento, martelo. Seu ‘conhecer’ é criar, seu criar é uma legislação, sua vontade de verdade é – vontade de potência. – Há hoje tais filósofos? Houve já tais filósofos? Não é preciso haver tais filósofos?”

32. Cf. num sentido análogo ZA I 12, 4: “No mundo as melhores coisas não valem nada, sem que alguém as apresente”.

sentido de homem! Por isso ele se chama de ‘homem’, isto é: o estimador³³. Estimar é criar: ouvi isto, ó criadores! (...) Ouvi isto, ó criadores! Mutações dos valores – essa é a mutação daqueles que criam. Sempre aniquila, quem quer ser um criador³⁴” (ZA I 15, 13-17). Ao fazer ver que os valores são “humanos, demasiado humanos”, ao atribuir-lhes uma proveniência e uma história, a personagem desmantela o solo mesmo a partir do qual até então foram colocados. Com o combate ao dualismo de mundos, põe por terra a interpretação imposta pelo pensar metafísico e pela religião cristã. Atento ao vazio que se instala, quando tal interpretação desmorona, desqualifica a idéia de que nada vale a pena, de que tudo é em vão³⁵. Com isso, perfaz a travessia do niilismo³⁶. À existência humana o autor quer dar um novo sentido. E, para tanto, sabe que é preciso conceber o homem de outra maneira. Entendendo-o como parte integrante deste mundo, é em além-do-homem que o converte; só então será possível transvalorar todos os valores. Tanto é que, no final da seção, são estas as palavras que ele põe na boca da personagem: “Mil alvos houve até agora, pois mil povos houve. Apenas falta, ainda, a rédea para as mil nucas, falta o alvo *único*. Ainda a humanidade não tem um alvo. Mas dizei-me, meus irmãos: se à

33. Vale lembrar o comentário léxico de Rubens Rodrigues Torres Filho: “*Mensch, das ist: der Schätzende*: na origem da palavra *Mensch*, *mannisco*, substantivação do velho-alto-alemão *mennisc* (humano), encontra-se o radical indogermânico *men* (pensar), o mesmo que em latim deu *mens* (mente) e *mensurare* (medir). Talvez Nietzsche se refira a este último sentido, tanto mais que ‘pensar’ guarda lembrança de: tomar o peso, ponderar. *Schätzen* por: estimar, avaliar, apreciar, daí *Schätzende*, o que estima, o taxador” (*Op. cit.*, p. 233, nota 4).

34. Cf. ZA Vor 9, 7-8: “Vede os bons e justos! Quem eles odeiam mais? Aquele que quebra suas tábuas de valores, o quebrador, o infrator: – mas este é o criador. Vede os crentes de toda crença! Quem eles odeiam mais? Aquele que quebra suas tábuas de valores, o quebrador, o infrator: – mas este é o criador”.

35. Cf. A *Gaia Ciência* § 346: “Não caímos, justamente com isso, na suspeita de uma oposição, de uma oposição entre o mundo em que até agora nos sentíamos em casa com nossas venerações – em virtude das quais, talvez, *tolerávamos* viver – e um outro mundo, *que somos nós próprios*: uma inexorável, radical, profundíssima suspeita sobre nós mesmos, que se apodera de nós, europeus, cada vez mais, cada vez pior, e facilmente poderia colocar as gerações vindouras diante deste terrível ou-ou: ‘ou abolir vossas venerações, ou – *vós mesmos!*’ Este último seria o niilismo; mas o primeiro não seria também... o niilismo?”

36. No artigo “A palavra de Nietzsche: ‘Deus está morto’”, Heidegger analisa a concepção nietzschiana de niilismo em seus diversos aspectos. Entendendo-o como um processo histórico e pensando-o como a lógica interna da História Ocidental, Nietzsche concebe o niilismo como a “desvalorização dos valores até agora supremos”. É incompleto, quando, a despeito de suprimir Deus, mantém o mundo supra-sensível; os antigos valores podem

humanidade ainda falta o alvo, também não lhe falta ainda – ela própria?” (§§ 25-26)

Incapaz de suportar a própria finitude, o homem concebeu a metafísica; incapaz de tolerar a visão do sofrimento imposta pela morte, construiu o cristianismo. Na tentativa de negar *este* mundo em que nos achamos, a metafísica procurou forjar a existência de outro; durante séculos, fez dele a sede e a origem dos valores. Perniciosa, ela postulou um mundo verdadeiro, essencial, imutável, eterno. Desprezando o que ocorre aqui e agora, a religião cristã arquitetou a vida depois da morte para redimir a existência; assim, fabricou o reino de Deus para legitimar avaliações humanas. Nefasta, ela levou o homem a desejar ser de outro modo, querer estar em outra parte. Para tentar justificar a existência, foi desses meios que o homem se valeu: inventou o pensar metafísico e fabulou a religião cristã. Mas o preço que teve de pagar foi a negação do mundo, a condenação da vida. Ao camuflar a dor, hostilizou a vida; ao escamotear o sofrimento, tratou o mundo como um erro a refutar.

Se a derrocada do dualismo metafísico acarreta a sensação de que “nada tem sentido”, é preciso então fazer ver que a concepção metafísica não é a única interpretação do mundo. Se a ruína do cristianismo traz como conseqüência o sentimento de que “tudo é em vão”, trata-se agora de mostrar que a religião cristã é só mais uma interpretação da existência. “Deus está morto! Deus permanece morto! E fomos nós que o matamos! Como nos consolaremos, nós, os assassinos de todos os assassinos? O que o mundo possuía de mais sagrado e de mais poderoso perdeu seu sangue sob nossas lâminas, – quem lavará esse sangue de nossas mãos? Com que água poderemos purificar-nos? Que expirações, que jogos sagrados teremos de inventar? A grandeza desse ato não é demasiado grande para nós?”

ser substituídos por outros, mas estes continuam a ser colocados no mesmo lugar que ocupavam os anteriores. É acabado, quando chega a eliminar o mundo supra-sensível, o lugar mesmo dos valores, pondo-os de outra maneira e invertendo o seu valor. No entender de Heidegger, ao afirmar que “Deus está morto”, Nietzsche dá nome ao destino de vinte séculos da História Ocidental. Apreendendo-a como o advir e o desdobrar-se do niilismo, acaba por interpretá-la metafisicamente. Ao anunciar a morte de Deus, quer dizer que o mundo supra-sensível não tem poder eficiente e considera assim a sua própria filosofia um movimento antimetafísico, antiplatônico. Apesar disso – é o que Heidegger quer mostrar –, permanece ligado à essência daquilo a que se opõe. Embora dele nos distancie, quando procura reinscrever o pensamento nietzschiano na história milenar da metafísica, com ele concordamos quanto à maneira de caracterizar o niilismo incompleto e o niilismo acabado.

Não temos de nos converter em deuses, para parecermos dignos desse ato? Nunca houve ato mais grandioso, – e quem nascer depois de nós fará parte, por causa desse ato mesmo, de uma história superior a tudo o que foi a história até agora” (*A Gaia Ciência* # 125).

É por isso que Nietzsche concebe sua obra como a tentativa de retomar as rédeas do destino da humanidade³⁷. Sócrates representou um marco na visão grega do mundo, substituindo o homem trágico pelo teórico; e Cristo, um marco no pensamento ocidental, substituindo o pagão pelo novo homem. Mas, com ele, a negação deste mundo em que vivemos aqui e agora “se fez carne e gênio”. Inimigo implacável do cristianismo, Nietzsche nele encontrará um adversário que julga à sua altura. Conta inverter o sentido que ele procurou dar à existência humana; espera subvertê-lo. Pretendendo substituir o homem pelo além-do-homem, quer pôr-se como marco na história do ser humano. E, para inaugurar esta nova era, tem de realizar a transvaloração de todos os valores, tão apregoada por Zarathustra³⁸.

Não é, pois, com um trabalho técnico, uma área específica do conhecimento ou um domínio do saber, por mais amplo que seja, que a filosofia se confunde. Ela é tarefa, missão, destino. E a tarefa que Nietzsche reivindica para si mesmo, sua missão e seu destino, consiste em atribuir à existência humana um novo sentido, em fazer coincidir sentido e efetividade. “Minha fórmula para a grandeza no homem é *amor fati*”, declara; “não querer nada de outro modo, nem para diante, nem para trás, nem em toda eternidade. Não meramente suportar o necessário, e menos ainda dissimulá-lo – todo idealismo é mendacidade diante do necessário –, mas *amá-lo...*” (*Ecce Homo*, Por que sou tão esperto, § 10) Nem conformismo, nem resignação, nem submissão passiva: *amor*; nem lei, nem causa, nem fim: *fatum*. Assentir sem restrições a todo acontecer, admitir sem reservas tudo o que ocorre, anuir a cada instante tal como ele é, é afirmar a vida no que ela tem de mais alegre e exuberante mas também de mais terrível e doloroso. Converter o impedimento em meio, o obstáculo em estímulo, a adversidade em bênção, é aceitar amorosamente o que advém; é dizer-sim à vida.

37. Cf. carta a Peter Gast de 30/10/1888.

38. Não é por acaso que na carta a Ernst Schmeitzner de 13/02/1883 Nietzsche se refere a *Assim falava Zarathustra* como “um quinto ‘Evangelho’”.